

# JOSEPH ROTH

## A HISTÓRIA DA MILÉSIMA SEGUNDA NOITE

Traduzido do alemão (Áustria) por  
Vanda Gomes



## I

Na Primavera do ano de 18..., o Grande Xá, o sagrado e absoluto monarca, sublime governante e imperador de todos os Estados da Pérsia, começou a sentir um certo desconforto, como nunca antes havia sentido.

Nem os mais afamados médicos do seu império conseguiam explicar a sua doença. O Grande Xá estava sobremaneira angustiado. Numa noite em que não conseguia dormir, mandou chamar Patominos, o chefe dos eunucos, que considerava ser um sábio e conhecedor do mundo, apesar de este nunca ter saído da corte. Disse-lhe:

— Estou doente, meu amigo Patominos. Receio estar muito doente. O médico garante-me que estou saudável, mas não acredito. Acreditas nele, Patominos?

— Não, também não acredito nele! — respondeu Patominos.

— Então também achas que estou gravemente doente? — perguntou o Xá.

— Gravemente doente, não, não acho que assim seja — retorquiu Patominos. — Mas doente, sim, definitivamente enfermo, meu Senhor! Há muitas enfermidades, meu Senhor. Os médicos nem sempre as vêem, porque estão habituados a concentrar-se apenas nas doenças dos órgãos do corpo humano. Mas de que serve a uma pessoa um corpo são com órgãos são se a sua alma anseia por algo mais?

— Mas como sabes tu que anseio por algo mais?

— Permito-me alvitrá-lo.

— E anseio pelo quê?

— Isso é algo sobre que precisaria de reflectir um pouco — retorquiu Patominos.

O eunuco Patominos pareceu reflectir durante algum tempo, e depois acrescentou:

— Senhor, Vossa Senhoria anseia por países exóticos, por exemplo, pelos países da Europa.

— Uma longa viagem?

— Uma viagem curta, Senhor! Viagens curtas trazem mais satisfação do que viagens longas. As viagens longas maçam-nos.

— E para onde?

— Senhor, há muitos países na Europa — disse o eunuco. — Depende tudo do que pretendemos desses países.

— E o que achas que devo procurar, Patominos?

— Senhor — disse o eunuco — um homem como eu não poderia saber o que um grande governante poderá querer encontrar.

— Patominos — disse o Xá — sabes que há semanas que não me aproximo de uma mulher.

— Eu sei, Senhor — respondeu Patominos.

— Achas que isto é saudável, Patominos?

— Senhor — disse o eunuco, endireitando um pouco a sua postura arqueada — é preciso ver que pessoas como eu não percebem muito desse tipo de coisas.

— Ah, como te invejo!

— Pois — respondeu o eunuco, endireitando por completo o seu grande corpo. — Lamento muito por todos os outros homens, de todo o coração.

— Porque lamentas por nós, Patominos? — perguntou o Xá.

— Por muitas razões — respondeu o eunuco — mas principalmente porque os homens estão sujeitos ao princípio da mudança. Trata-se de um princípio falacioso, porque, na verdade, não há mudança nenhuma.

— Estás a querer dizer que devo viajar para algum sítio só para sentir essa mudança?

— Sim, Senhor — disse Patominos — para se convencer de que afinal não há mudança nenhuma.

— E isso só por si iria curar-me?

— Não o iria convencer — disse o eunuco — mas iria proporcionar-lhe as experiências necessárias para chegar a essa mesma convicção.

— Como chegas a essas conclusões, Patominos?

— Porque fui castrado, Senhor! — retorquiu o eunuco e curvou-se de novo.

Aconselhou o Xá a fazer uma viagem. Sugeriu Viena. O governante lembrou-se que os seguidores de Maomé já lá haviam estado há muitos anos.

— Senhor, infelizmente na altura não lhes foi permitido entrar na cidade. Senão, hoje estaria o nosso crescente e não a cruz na torre de Santo Estêvão.

— Tempos passados, histórias passadas. Vivemos em paz com o imperador da Áustria.

— É verdade, Senhor!

— Partiremos! — disse o Xá. — Os ministros concordarão.

E assim aconteceu tal como o ordenou.

Primeiro, no vagão de primeira classe, depois na parte traseira do navio, lá estava sentado o chefe dos eunucos, Kalo Patominos, a montar guarda às mulheres. Olhava para o incandescente sol que se punha. Esticou o tapete, deitou-se no chão, e começou a murmurar a oração da noite. Chegaram a Constantinopla sem se fazerem notar.

O mar estava dócil como uma criança. O navio flutuava suave e docemente, como se ele próprio fosse uma criança, pela noite azul adentro.

## II

O navio nupcial do Xá demorou alguns dias a atravessar o mar azul. Ninguém se atrevia a dizer ao grande Senhor que se deveria esperar pela resposta do embaixador da Pérsia em Viena. Ao fim de um dia e meio, já o Xá começava a ficar impaciente. Apesar de não se interessar pela rota do navio, não conseguia deixar de se aperceber que estava constantemente a ver a mesma porção de costa, que acabara de deixar para trás. Até para ele, já se começava a tornar estranho por que razão um navio tão potente quanto aquele estava a precisar de tanto tempo para galgar um pedaço de mar tão pequeno. Mandou chamar o grão-vizir e fez saber que estava insatisfeito com a lentidão da travessia. Apenas o deu a entender, não o afirmou. Pois já não confiava em nenhum dos seus servos quando estava em terra firme, quanto mais agora que estava sobre a água. É verdade que, no mar, estava nas mãos do Senhor, mas também em parte nas mãos do comandante. De qualquer forma, sempre que o Xá pensava no comandante, era invadido por uma inquietude. Não gostava nada do comandante, principalmente porque não se lembrava de já o ter visto antes. Porque era mesmo muito desconfiado. Facilmente desconfiava dos homens que frequentavam a sua casa e lhe eram familiares; já para não falar dos que não conhecia ou dos quais não se conseguia lembrar! Sim, era muito desconfiado, de tal maneira que nem sequer ponderava

dar a conhecer a sua desconfiança — na todo-poderosa e infantil convicção de senhor de que esses homens seriam mais espertos que os seus próprios servos. Por essa razão, apenas deu cuidadosamente a entender ao grão-vizir que não estava a perceber muito bem por que razão esta viagem estava a demorar tanto tempo. O grão-vizir, que sabia muito bem que o Xá não queria expressar a sua desconfiança, não deixou transparecer de forma alguma que se havia apercebido dessa mesma desconfiança.

— Senhor — disse o grão-vizir — também a mim me parece inexplicável, precisarmos assim de tanto tempo para atravessar o mar.

— Sim — asseverou o Xá, como se só agora com esta afirmação do grão-vizir se tivesse apercebido da grande lentidão da travessia — sim, tem razão: porque navegamos tão devagar?

— Senhor, temos de perguntar ao comandante! — disse o grão-vizir.

O comandante chegou e o Xá perguntou: — Quando chegaremos finalmente a terra?

— Grande e poderoso Senhor — disse o comandante — a vida de Vossa Senhoria é sagrada para todos nós. Mais sagrada que a vida dos nossos filhos, mais sagrada que as nossas mães, mais sagrada que as pupilas dos nossos olhos. Os nossos instrumentos avisam-nos de uma tempestade que se aproxima, mesmo que o mar agora de momento pareça tão manso. Quando Vossa Majestade está a bordo, todos os cuidados devem ser redobrados. Existirá algo mais importante para as nossas vidas, para o nosso país, para o mundo do que a vida sagrada de Vossa Majestade?... E os nossos instrumentos avisam-nos, infelizmente, de que se aproxima uma tempestade, Majestade.

O Xá olhou para o céu, azul, limpo, radiante. Achou que o comandante lhe mentia. Mas não o disse. Apenas asseverou:

— Parece-me, comandante, que os seus instrumentos não são de fiar!

— Com certeza, Majestade — respondeu o comandante — os instrumentos podem sempre falhar!

— Tal como o senhor, comandante — disse o Xá.

De súbito, apercebeu-se de uma minúscula nuvenzinha branca no horizonte. Verdade seja dita: nem sequer era uma nuvem, era apenas o traço velado de uma nuvem. O comandante também a viu nesse preciso momento – e esperou que um milagre viesse em seu auxílio, e que ele e a sua mentira e os seus mentirosos instrumentos pudessem, de repente, arranjar uma justificação aos olhos do crédulo Senhor.

Mas aconteceu precisamente o contrário. De tão pequenina e ténue, a nuvenzinha veio apenas reforçar a ira do Xá. Já se congratulava por ter apanhado o grão-vizir e o comandante numa mentira vil – e agora vinha a própria Natureza – gerara uma nuvenzinha (da qual podiam desenvolver-se nuvens a sério!) – provar que os instrumentos mentirosos até podiam estar certos! O Xá observava sombriamente as formas infindáveis que a nuvem ia criando. O vento desbastou-a um pouco. Mas logo a seguir adensou-se mais. Já parecia um fio enredado. Aumentou de comprimento. Até que finalmente ficou escuro e condensado.

O comandante mantinha-se de pé atrás do Xá. Também olhava para as formas que a pequena nuvem ia assumindo, mas não estava pesaroso, antes pelo contrário, tinha o coração cheio de esperança. Ah, mas como estava enganado! De repente, zangado, o Xá voltou-se e o seu rosto fez lembrar ao comandante uma nuvem de granizo carregada.

— Iludem-se! — começou por dizer o poderoso senhor, em voz baixa, que, apesar de vaga, atingiu a alma por razões desconhecidas. — Iludem-se quando acham que alinhio nas vossas manobras. Dizei-me a verdade! Que é isso dos seus instrumentos? Mas que tempestade é que anunciam? O meu olho é tão fiável quanto os seus instrumentos! A toda a volta o céu está claro e azul, é raro ver-se um céu assim tão claro e azul. Abra os olhos, comandante! Diga-me, vê alguma nuvenzinha que seja no horizonte?

O susto do comandante foi grande, mas o seu espanto havia de ser ainda maior. E ainda maior que o seu susto e o seu espanto era a sua perplexidade. Seria a ira do seu Senhor genuína ou encenada? Será que o estava a pôr à prova? Quem o poderia

saber? Nunca privara com o Xá, não lhe conhecia as manhas. Já lhe tinham contado que, por vezes, o Xá se mostrava muito irado para assim tentar perceber o grau de sinceridade dos seus servos. Infelizmente, pensou o pobre comandante, agora era a vez de ele estar nesta situação, e decidiu ser sincero.

— Senhor — disse — os olhos de Vossa Majestade acabaram de ver a nuvenzinha lá ao longe.

E o infeliz comandante levou a sua ousadia ao limite esticando mesmo o dedo na direcção da nuvenzinha, que, entretanto, se havia transformado numa autêntica nuvem escura que se aproximava do navio com uma estranha ligeireza.

— Comandante! — trovejou o Xá — quer ensinar-me a olhar para o céu? Acha que aquela névoa ténue é uma nuvem? Não sente os raios do sol?

Nesse preciso momento, aconteceu algo inesperado. A nuvem, que em breves segundos se transformara numa carregada nuvem negra de tempestade, acabara de tapar o sol e obliterou o mundo.

O comandante esticou ambos os braços e nem uma palavra lhe aflorou aos lábios. Parecia querer dizer: Senhor, é com grande pesar que sou forçado a falar do céu. Mas eis que o próprio céu se chega à frente para responder a Vossa Majestade em vez da minha boca.

É óbvio que o Xá viu, claramente, como o sol fora eclipsado. Mas não sabia ainda se se deveria alegrar com a franqueza dos seus servos, que o avisaram de forma precisa e fiel de que se aproximava uma tempestade, ou se se deveria aborrecer com o facto de ter sucumbido uma vez mais à sua própria desconfiança. Achou que estava prestes a incorrer no risco de revelar a sua própria confusão. E isto não poderia acontecer em caso algum – por isso, ordenou:

— Mostre-me os seus instrumentos, comandante!

Enquanto caminhavam ao longo do convés, o Xá à frente, o comandante logo a seguir, o céu escureceu ainda mais, até onde a vista alcançava, excepto uma fina faixa azulada a noroeste. As nuvens estavam mesmo assanhadas e escuras a ocidente, no



zénite do céu suavizavam-se ligeiramente, e a oriente dissipavam-se numa palidez quase amena.

O comandante, três passos atrás do Xá, desenvolvera um terror verdadeiro e honesto. Desta vez não era medo do Senhor e das suas próprias mentiras, mas sim o pavor de Alá, o Senhor do mundo, e da tempestade que havia anunciado de forma tão imprudente. Era a primeira vez que o comandante tinha a honra de receber o Xá no seu navio. Que sabia o bravo comandante dos protocolos da diplomacia? Cruzava os mares há vinte anos, sempre neste navio imperial, o *Achmed Akbar*. Sobrevivera a muitas tempestades, na sua juventude viajara muito em barcos à vela, e fora em barcos à vela que se fizera marinheiro. Nunca desde que assumira o cargo que este Xá sentira a necessidade de atravessar os mares. Coubera-lhe a ele, pobre comandante, o perigoso privilégio de fazer o poderoso senhor atravessar as águas pela primeira vez.

— Não podemos chegar às costas da Europa antes do momento combinado — dissera-lhe o grão-vizir. — Sua Majestade é senhor de um carácter muito impaciente e quer ver os seus desejos cumpridos no momento em que acaba de os pronunciar. Mas, perceba, comandante, há constrangimentos diplomáticos. Primeiro temos de aguardar a resposta de Sua Excelência, o nosso embaixador. Até lá teremos de navegar pela costa. Se Sua Majestade calhar a perguntar-lhe, então o comandante dirá temer a aproximação de uma tempestade.

Foram estas as instruções do grão-vizir. E vejam só agora: lá estava a tempestade. E os instrumentos não o tinham avisado. Foram apenas as mentiras que o avisaram. As mentiras, apenas as mentiras! O comandante era um crente e temia Alá.

Chegaram à cabina do comandante. Havia poucos instrumentos, muito menos um que pudesse anunciar a aproximação de tempestades. Havia uma grande bússola, de fabrico inglês, aparafusada ao tampo de uma mesa redonda. O Xá inclinou-se sobre ela.

— O que temos aqui, comandante? — perguntou.

— Uma bússola, Majestade — respondeu o comandante.

— Ah — disse o Xá. — E outros instrumentos, não tem mais nada?

— Aqui não, Majestade, só aqui ao lado, na sala do engenheiro.

— Com que então, tempestade? — sondou o Xá.

Já não tinha vontade de ver mais instrumentos, contudo ansiava francamente por uma tempestade.

— E quando é que chegará finalmente essa tal tempestade? — perguntou com gentileza.

— Prevejo que seja após o pôr-do-sol — respondeu o comandante.

O Xá caminhava, seguido pelo comandante. Quando chegaram ao convés, já o dia estava tão escuro como a noite cerrada. O oficial de serviço aproximou-se para junto deles, correu, galopou. Comunicou algo ao comandante usando expressões que o Xá nunca tinha ouvido. Continuou a efectuar as suas tarefas sem ligar muito aos outros dois. Aproximou-se do parapeito e contemplou com um sincero prazer o furioso respingo das ondas que avançavam, recuavam e atacavam de novo. O navio começou a abanar. O mundo começou a abanar. As ondas pareciam línguas verdes, pretas, azuis e cinzentas com orlas brancas como a neve. Um imenso desconforto apoderou-se de repente do Xá. Um grande monstro desconhecido remexia-se e contorcia-se nas suas entranhas. Era o mesmo mal que se lembrava de já ter sentido, ainda em miúdo, quando estivera doente, muito doente.

O comandante sentiu-se duplamente atemorizado: em primeiro lugar, o seu Senhor estava indisposto; e em segundo lugar, aproximava-se aquela tempestade que tão imprudentemente havia pressagiado. O comandante já não sabia bem com o que se preocupar: se com a tempestade ou com o desconforto do seu Senhor.

Decidiu concentrar a sua atenção no Xá. Era o mais indicado, pois já ordenara que navegassem o mais próximo da costa possível. Todo esticado, embrulhado em vários cobertores, o Xá encontrava-se agora deitado no convés. O médico, que ele tanto odiava, e que, na sua opinião, era a única pessoa de quem não

conseguiria escapar nesta vida, estava dobrado sobre o Senhor doente. Fazia o que se esperava: emborcava valeriana pela boca do Xá. Começaram a cair as primeiras gotas grossas de chuva sobre o suave veludo da tenda que montaram para proteger o Xá. O vento dissipava-se ao fazer zumbir os elos de metal dos três postes que sustinham as paredes da tenda. O Xá começava a sentir-se melhor. Sabia que lá fora os relâmpagos iluminavam o céu e ouvia com contentamento o estrondo dos trovões. O seu achaque começou a desvanecer, não admira! O navio imobilizara-se, a menos de duas milhas da costa. Apenas se sentia o fervor harmonioso das águas a bater nos flancos.

Para o grão-vizir, esta tempestade foi como uma graça dos céus. Em embarcações rápidas, os enviados alcançaram Constantinopla a meio da noite. Rapidamente regressaram nessas mesmas embarcações no dia seguinte, por volta das nove da manhã. O Xá ainda dormia. Trouxeram o telegrama do embaixador: Sua Majestade era esperada em Viena. Estava tudo pronto para o receber...

Também a tempestade amainara. Um sol lavado brilhava de novo forte e feliz, como no primeiro dia da criação do mundo.

O comandante também resplandecia. Até o grão-vizir fulgurava. A todo o vapor, o navio dirigiu-se para a Europa.